



a Liahona

Novembro de 1960

a liahona

NOVEMBRO DE 1960

VOL. XIV — N.º 11

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Neste Número

UMA NOTÍCIA ESPECIAL

Joseph Fielding Smith	340
A. Theodore Tuttle	341

EDITORIAL

Quanto Valerá, Presidente Wm. Grant Bangerter	342
---	-----

DE INTERESSE GERAL

Afirmamos Nossa Fé, Hugh B. Brown	343
Aquela Pequenina Voz, S. Dilworth Young	344
Obra Templária, Joseph Fielding Smith	346
"Caça-Bôbos", Sterling W. Sill	350
Fé, Essa Conquistadora, James A. Little	353
As Oito Testemunhas	363

SEÇÕES ESPECIAIS

Jóias do Pensamento, A. Theodore Tuttle	339
A Igreja no Mundo	339
Eu Gostaria de Saber, Joseph Fielding Smith Jr.	349
Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo, A Importância de Fazer o Possível	360
Sacerdócio nas Missões, Ofertas de Jejum	361
Seu Ramo	362
Reminiscências	362

Aceitamos suas contribuições mas não nos responsabilizamos pelos artigos não solicitados.

REDAÇÃO

Editores — Wm. Grant Bangerter, Asael T. Sorensen

Redatores — Arch J. Willis, Owen J. Stevens

Diretor Gerente:

Clarel Mafra dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.

P R E Ç O S :

<i>Exterior:</i> Ano	US\$	3,50
<i>No Brasil:</i> Ano	Cr\$	150,00
<i>Exemplar:</i>	Cr\$	15,00

Missão Brasileira

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal 862 - S. Paulo. E.S.P. - Fone: 33-6761

Missão Brasileira do Sul

Rua Gen. Carneiro, 490 - C. Postal, 778 - Curitiba, Paraná - Fone: 4-8016

Jóias do Pensamento

OS ENSINAMENTOS DE CRISTO ESTABELECEM UM PADRÃO PARA TODOS

Excertos de uma palestra oferecida pelo Elder A. Theodore Tuttle do Primeiro Conselho dos Setenta, na conferência geral, semi-anual, realizada em abril de 1960.

É meu desejo dirigir estas considerações ao vasto corpo de professores dentro da Igreja os quais trabalham para a salvação das almas humanas, com a esperança de que a instrução possa melhorar dentro da igreja.

Pois se um professor melhorar o nível de sua competência e habilidade, sua classe progredirá; e se muitos mestres se desenvolverem, todas as suas aulas se aperfeiçoarão. E então, se cada um de nós melhorar a sua própria instrução, a igreja inteira crescerá em força e poder. e será abençoada. É preciso lembrar que nenhuma classe crescerá mais alto do que seu professor.

Eu desejaria poder conduzi-los a todos, à fonte da infalível inspiração, o Senhor Jesus Cristo. Nos ensinamentos do Salvador, encontramos os mais perfeitos métodos didáticos que conhecemos hoje em dia. Nós podemos ver seu objetivo de transformar o comportamento do homem, em evidente destaque. Notamos que o Salvador é aclamado como a uma autoridade, porque conhece seu assunto, e sua compreensão dos alunos a que se propõe ensinar frutifica de excelente maneira.

Nos ensinamentos do Senhor, encontramos palavras tais como camelos, cordeiros, sal, luz, candeias, peixe, fermento, galinhas e aves, lírios pardais, todas coisas que o povo conhecia e com as quais tinha experiência. Ele assemelhava as idéias abstratas de sua palavra, com essas formas concretas às quais o povo estava familiarizado. Suas inovações eram correlacionadas com fatos conhecidos.

E ainda, se deseja tornar-se um bom professor, aprenda a responder às questões da maneira pela qual o fazia o Salvador. Dando respostas diretas, porém frequentemente apresentando outra questão a seus ouvintes. Relembre esta passagem. "Dize-nos pois, que te parece? É lícito pagar o tributo a Cesar, ou não?"

"Jesus... disse:

"Mostrai-me a moeda do tributo. E eles lhe apresentaram um dinheiro.

"E ele diz-lhes: De quem é esta efígie e esta inscrição?"

"Dizem-lhe eles: De Cesar. Então ele lhes diz: Dai pois a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus." (Mat. 22:17-21)

(continua na página 359)

A IGREJA NO MUNDO



"EX-MISSIONÁRIO" DE TERRAS BRASILEIRAS

Um antigo missionário em terras brasileiras, Elder Orson Pratt Arnold, foi designado como bispo de Vancouver, ala da estaca de Columbia River. O Bispo Arnold serviu como missionário na Missão Brasileira durante os anos de 1938, 39 e 40.

PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO NAS MISSÕES EUROPÉIAS

O maior programa de construção da história da igreja na Europa terá abertura dentro em pouco. A Primeira Presidência autorizou o Elder Wendell B. Mendenhall, encarregado do Comitê de Construção da Igreja, a partir para a Europa na segunda-feira, dia 1.º de setembro, para elaborar planos de lançamento da construção de 100 capelas em diversas partes da Europa.

De acordo com o Elder Mendenhall, operários e trabalhadores diversos serão convocados em seus próprios ramos, para oferecerem horas de trabalho, na construção das capelas. Segue-se assim a um procedimento que provou lograr sucesso em outras missões da Igreja.

Diversos missionários foram ainda requisitados para supervisionar e serão chamados à Europa oportunamente, disse o Elder Mendenhall. Ele está cheio de esperança de que a obra de construção comece a avançar dentro de pouco tempo, após o próximo 1.º de ano.

PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

O Presidente David O. McKay celebrou seu 87º aniversário no dia 8 de setembro passado. Ele completará logo uma década como Profeta, Vidente e Revelador, e Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, agora contando 1.600.000 membros. Por mais de meio século, ele tem sido contado entre as autoridades gerais sendo ordenado apóstolo em abril de 1906. Foi chamado à Primeira Presidência como conselheiro do Presidente Heber J. Grant, em outubro de 1834 e continuou como conselheiro do Presidente George Albert Smith, de maio de 1945 a 1951.

O Presidente McKay nasceu em Huntsville no dia 8 de setembro de 1873, e casou-se em janeiro de 1901 com Emma Ray Riggs. Eles celebraram portanto, no último janeiro, 59 anos de casados. Sua vida em comum tem sido um grande exemplo de verdadeiro companheirismo, fundado nos inspirados ideais santos dos últimos dias. Ela tem estado a seu lado durante as longas jornadas e aparições em público por toda as partes do mundo durante sua década na presidência, servindo de inspiração, não apenas a seu espôso, como aos santos de todos os lugares.

TRECENTÉSIMA PRIMEIRA ESTACA CRIADA NOS ESTADOS OCIDENTAIS.

A trecentésima primeira estaca da Igreja foi organizada em Pueblo Colorado, no dia 11 de setembro de 1960, a qual compreende a

(continua na página 359)

Uma Notícia Especial

É com grande prazer que notificamos aqui a visita do Presidente Joseph Fielding Smith e sua esposa Jessie Evans Smith, assim como a do Presidente A. Theodore Tuttle às Missões Brasileiras, a ter início no dia 24 de outubro de 1960. O Elder Smith é Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos e o Elder Tuttle um dos Sete Presidentes dos Setenta. Antecipamos que sua visita seja de mais de duas semanas, durante as quais haverá conferências para a maioria dos distritos das missões. Gostaríamos portanto de esclarecer a todos acerca do raro privilégio que representa o têrmos pela primeira vez a visita de duas Autoridades Gerais, na mesma ocasião. O Elder Tuttle é um dos mais jovens entre as Autoridades Gerais, e o Elder Smith um dos mais velhos.

Excetuando-se a visita do Presidente McKay, em 1954, o Presidente Smith é a mais alta autoridade que jamais visitou a América do Sul. Não perca esta oportunidade de conhecer, próxima e pessoalmente este servo escolhido de Deus, e de aprender ensinamentos de seus lábios, durante esta sua visita às Missões Brasileiras. Sua voz é na verdade a de um profeta de Deus.

Para que possam compreender a magnitude de nossa oportunidade ao recebermos o Presidente Smith e o Presidente Tuttle, queremos relatar-lhes algo a respeito dos antecedentes dessas personalidades remarcantes.

JOSEPH FIELDING SMITH

Na conferência geral da Igreja, promovida em abril de 1910, o Elder Joseph Fielding Smith, então com trinta e três anos de idade, foi chamado para preencher uma vaga no Conselho dos Doze. Foi na mesma sessão que o Presidente Anthon H. Lund tornou-se Primeiro Conselheiro do Presidente Joseph F. Smith, e que o Elder John Henry Smith tornou-se Segundo Conselheiro da Primeira Presidência. Essas vagas resultaram da morte do Presidente John R. Winder.

Sobre o fato, e sobre o Elder Joseph Fielding Smith, o Presidente Charles W. Penrose, que presidia então a Missão Européia, escreveu o seguinte no *Millennial Star*:

“Elder Joseph F. Smith, Jr., incorpora as numerosas qualidades, dons e graças necessárias ao chamado de um apóstolo. É de disposição benévola, tratável, ainda que firme e convincente orador, escritor brilhante e missionário experiente, sendo um Santo dos Últimos Dias nato. Ele se revelará uma fortaleza no Quorum dos Doze, e será amado e respeitado onde quer que seja chamado a ministrar. Ao lado da congregação, na conferência geral, apoiamos fervorosamente as trocas e designações desses valentes e devotados servos do Altíssimo, na posição a que foram designados pela voz de Deus e do povo.”

Desde aquele tempo, (e antes) o Presidente Joseph Fielding Smith seguiu uma trilha de fidelidade no serviço, batalhando pela causa à qual seu avô, Hyrum Smith, sacrificara a pró-

pria vida, como mártir, ao lado de seu querido irmão o Profeta Joseph Smith, em Carthage, Illinois, em Junho de 1844.

Os livros e panfletos já escritos pelo Presidente Smith ultrapassam o número de 20, além de inumeráveis artigos.

Ele serviu em muitas juntas e comitês, viajou pelas estacas e missões da Igreja, em todo o mundo, aconselhando, instruindo, encorajando, pesquisando as escrituras, interpretando a verdade — e, oportunamente, veio a tornar-se Presidente do Conselho dos Doze Apóstolos.

Com freqüência ouve-se do quorum expressões de apreciação por sua amabilidade, e ele é visto muitas vezes a elogiar os irmãos pela maneira sábia com que se desincumbem das obrigações que ele, como o Presidente do Conselho dos Doze lhes indica.

Dentre as grandes alegrias de sua vida está a fidelidade de sua família de cinco filhos e seis filhas (um dos quais, Lewis, faleceu na II Guerra Mundial). Com filhos e netos, até à última geração, ele mantém relações as mais afetuosas, e sua esposa está intimamente ligada nesse círculo familiar. Sister Jessie Evans Smith, que freqüentemente o acompanha em suas viagens, aumenta o calor das boas vindas com as lindas canções que interpreta.

Foi missionário, presidente de quorum e dirigente de aulas; Superintendente da Escola Dominical, editor, escritor; membro da junta geral da A.M.M. e encarregado na estaca; membro da junta da Aula de Religião, e ele-

mento de sua superintendência; membro do sumo-conselho, presidente de templo, presidente da sociedade genealógica, historiador da Igreja, membro diretor do conselho da universidade, e participante de inúmeros comitês da Igreja.

Ele integra ainda diversos quadros de negócios.

Sempre amou muito os esportes, sendo propagador da diversão sadia e das competições esportivas — tendo ele próprio participado com seus filhos de várias atividades atléticas.

Mereceu a honra de coronel honorário do ar, e se extasia em sentir a potência e vigor de um avião a jato.

Eis o que foi dito dêle em citação oficial, uns nove anos atrás, quando recebeu grau honorário de Doutor em Letras, pela Universidade de Brigham Young:

“Joseph Fielding Smith, filho e neto de Profetas de Deus, sendo ele próprio um Profeta, Vidente e Revelador, e Apóstolo de Jesus Cristo... Conhecido e honrado por sua ilimitada devoção à palavra revelada de Deus, é também amado por sua esportividade e habilidade em jogos amistosos. Capaz de crítica vigorosa, é ainda rápido no oferecer a outros, conselhos os mais humanos e bondosos.

“Desde sua juventude devotou-se à preservação da história, à franca exposição dos ensinamentos das escrituras e à dedicação dos corações dos filhos a seus pais. Sob sua mão o Eseritório do Historiador e a história da Igreja vêm amadurecendo conjuntamente, e a sociedade genealógica de âmbito mundial tem feito milagres de pesquisa e desenvolvimento de siste-

matização. De sua pena fluem em progressão constante, livros diversos e aproximadamente uns vinte panfletos esclarecedores que abordam assuntos religiosos vitais com conclusiva determinação e vigor.

“Como administrador do Quorum dos Doze Apóstolos, não designa a ninguém tarefas mais árduas do que as que chama a si mesmo, e como Encarregado do Comitê Executivo da Junta de Dirigentes da Universidade de Brigham Young, tem sido um crítico objetivo e amigo leal, permanecendo sempre acessível, não obstante seus pesados encargos. Membro durante trinta e quatro anos do quadro Educativo da Igreja, exerceu grande influência no emprestar vulto aos procedimentos e programas dos Seminários e Institutos dos Santos dos Últimos Dias, e no dirigir os destinos dessa Universidade.

“Seu pulso forte tem orientado a inteireza e fidelidade às escrituras dos inúmeros manuais e livros escritos para uso em instrução religiosa na Igreja. “E sobre êsse homem de excelência espiritual, por sua vida devotada à promoção e disseminação da espiritualidade, e por seu constante encorajamento da educação como fonte da enterna verdade, a Universidade confere o grau de Doutor em Letras, **honoris causa**.”

Em seu octagésimo quarto ano de vida, e após preenchimento de meio século de serviços como apóstolo do Senhor Jesus Cristo, saudamos o Presidente Joseph Fielding Smith, desejando-lhe saúde e muitas bênçãos, numa medida completa de paz, alegria e constantes serviços.

A. THEODORE TUTTLE

O Elder Tuttle nasceu a 2 de março de 1919, em Manti, Utah, filho de Albert Mervin e Clarice Montez Beal Tuttle. Salientam-se duas coisas, no que concerne à juventude de sua vida: ele parecia sempre acreditar no Evangelho de Jesus Cristo, e parecia estar sempre estabelecendo novas metas a atingir — degraus da escalada que já começava.

Sucessivamente suas conquistas vão sendo historiadas pelas honras que vêm a êle; presidente do seminário em Manti, presidente do corpo estudantil do colégio, presidente da classe de calouros no Snow College, presidente do distrito na Missão dos Estados Setentrionais, presidente da fraternidade Delta-Phi de ex-missionários, da Universidade de Brigham Young, veterano ilustre da divisão de religião, em 1943. Durante 14 anos tem estado associado a 150 Seminários e 20 institutos de Religião mantidos pela

igreja em colégios e universidades, nos estados ocidentais dos Estados Unidos, para proporcionar instrução religiosa.

Mais recentemente, serviu como dirigente das Escolas Dominicais, Quoruns dos Setenta, Associação de Melhoramentos Mútuos e presidente de Estaca.

Não se pode supor, no entanto, que seja possível escalar tais alturas sozinho. A 26 de julho de 1943, êle convenceu uma companheira a participar do empreendimento com êle, Marne Whitaker, de Ellensburg, Washington, estudante da Universidade de Brigham Young. Agora, em 1960, têm uma grande família.

No dia 10 de abril de 1958, o Elder Albert Theodore Tuttle tornou-se membro do Primeiro Conselho dos Setenta da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e é nessa capacidade que vem a nos visitar.

“Quanto Valerá?”

pelo Presidente

Wm. Grant. Bangeter

da Missão Brasileira

A medida que os missionários proclamam as boas novas de um evangelho restaurado, com poder para conduzir homens e mulheres de volta à presença do Senhor, êles sentem com frequência um crescente e jubiloso espírito de aceitação da parte de seus ouvintes. Conforme vão compreendendo que após os êrros de várias eras um misericordioso Pai dos Céus estendeu de novo a mão para reunir seus filhos e dar-lhes as bênçãos da salvação, o povo corresponde a essa mensagem, porque é de boas novas. Ela responde suas perguntas e satisfaz sua fome espiritual e, em seu coração, todos são levados a dizer, “Eu desejo essa mensagem. Eu anseio por essa promessa. Quero ser contado entre os filhos de Deus.” Então o missionário explica-lhes que deverão fazer um convênio perante o Senhor de que guardarão seus mandamentos, serão fiéis, honrarão seu sacerdócio, comparecendo às reuniões sacramentais da igreja, evitando os males da desonestidade e do adultério, e mantendo suas vidas limpas e puras pela obediência à palavra de sabedoria. São informados de que deverão contribuir para a edificação da igreja através de dízimo e ofertas. Após conhecer isto, muitos respondem dizendo, “É, então, acho que não desejo as bênçãos do Senhor, no fim de tudo. Eu pensei que fôsse fácil, mas agora vejo que é difícil demais para mim.” Que pouco alcance tem essa visão.

Ao estabelecer convênio com seu povo, nestes últimos dias, o Senhor disse que nos faria como Abraão. Pois nos dará as bênçãos da riqueza eterna, dos dons de uma grande e contínua prosperidade, o privilégio de sermos príncipes e sacerdotes do Altíssimo, e pais de nações. Ele estendeu a nós a honra de tornarmo-nos herdeiros e recipientes de suas promessas. Será que um homem compreende o que na realidade diz, quando responde, “Não, é caro demais, eu desistirei da dádiva de Deus.” Se ao menos êle pudesse ver os valores mesquinhos pelos quais está desistindo da vida eterna, arrepen-der-se-ia imediatamente. Pois teria dito “Prefiro fumar um cigarro do que entrar na presença de Deus.” E também estaria declarando, “Prefiro reter a pequena quantia do meu dízimo, do



que possuir o espírito do Senhor em meu lar.” Ou ainda, “Prefiro ser contado entre os rebeldes do que sacrificar qualquer parte de meus hábitos diários.” Na realidade, êle terá dito que as riquezas e prazeres dêste mundo significam mais do que qualquer promessa de Deus. Abraão, o fiel patriarca, conhecia que os dons do Senhor valiam qualquer sacrifício. Êle os procurou e lutou por êles durante tóda a vida. Apenas então, esteve qualificado às bênçãos que o Senhor conferiu sôbre êle.

Homem tolo, que com tão pequena e aca-nhada visão, procura afastar os dons e promessas da vida eterna; e que achando a estrada difícil, volta-lhe as costas, proferindo gozar as alegrias do pecado durante apenas uma estação. Quão mais digno de confiança, é o braço da fé, que nos alcançará os tesouros permanentes. Pois qualquer que deseje fruir os privilégios do Reino e Deus, se pudesse ver o valor dessas bênçãos como eu as vejo, se apressaria a fazer qualquer sacrifício para gozar a promessa de vida eterna na presença de Deus. Essa promessa foi tão grande aos olhos de Joseph Smith, que êle prazerosamente aceitou a missão de tormento e tribulação durante tóda a sua existência. Valerá ela menos para você?

AFIRMAMOS NOSSA FÉ

por Hugh B. Brown do Conselho dos Doze.

Enquanto ficamos mais velhos e adquirimos mais experiência no ministério, nos damos maior conta de que dependemos inteiramente da direção e inspiração divina, e por isso, não é somente o hábito que nos faz tão frequentemente buscar essa direção e solicitar a ajuda, simpatia e orações dos irmãos.

Junto ao Elder Richard L. Evans, tive o prazer de assistir à dedicação do Templo de Londres, na Inglaterra, e muito apreciei o privilégio.

Uma das questões que nos são mais frequentemente feitas quando viajamos é: “Qual é seu credo?” e “O que distingue sua igreja das outras?”

Não temos um credo escrito no sentido comum da palavra. Porém, nós temos um atestado conciso e autorizado das crenças dos Santos dos Últimos Dias, dado pelo Profeta Joseph Smith nos primeiros dias da Igreja e conhecido como as Regras de Fé. Nelas, declaramos nossa fé em Deus, o Pai, em Jesus Cristo seu Filho e no Espírito Santo, geralmente conhecidos como a Santa Trindade. Declaramos nossa convicção de que os homens serão responsáveis pelos seus próprios pecados e não pelos de outras pessoas. Que existem certas ordenanças e princípios que devem ser acreditados e observados por aqueles que querem ganhar salvação e que estes princípios e ordenanças devem ser ensinados e administrados por homens que têm autoridade na Igreja apostólica como ela foi organizada no meridiano dos tempos e da qual Jesus Cristo foi e é a pedra fundamental.

Nessa declaração, afirmamos nossa fé na expiação de Cristo e sua aplicação universal. cremos que Ele voltará e então haverá mil anos de paz universal. Declaramos acreditar em escrituras sagradas, antigas e modernas; e que os homens devem gozar de liberdade quanto à crença religiosa. Honramos e apoiamos as leis do país, nos comprometendo ao padrão moral dado por Cristo e ao serviço baseado no amor a Deus e ao próximo.

Tendo sido pregados muitos sermões e escritas muitas palavras sobre todos esses artigos, não entrarei agora em detalhes, porém gostaria de me referir por um momento à nona regra de fé.

“Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que Ele revela agora e cremos que Ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus.”

Esta simples e direta declaração de fé na revelação vem provocando a crítica de vários amigos nossos, porque inclui o passado, o presente e o futuro das revelações. Muitas igrejas professam crença nas revelações registradas na Bíblia, mas elas não crêem que Deus ainda revele Sua vontade através de profetas escolhidos na terra.

Declaramos aberta a linha de comunicação entre o céu e a terra e que ela funciona como antigamente. cremos que a revelação é contínua e expediente, e em conformidade com os tempos em que é dada. Fazendo esta declaração, segue que cremos em outras escrituras além da Bíblia, porque a revelação é a palavra de Deus e Sua palavra é escritura. Declaramos sem dúvida nossa fé na Bíblia como a palavra de Deus, e especificamos a versão autorizada.

A aceitação de outras revelações não diminui nossa fé no Velho e Novo Testamento. Ao contrário, nossa fé na Bíblia é fortalecida e nosso entendimento esclarecido pela colaboração destas novas revelações.

Entre as escrituras em que acreditamos, a mais frequentemente mencionada e criticada pelos amigos, é o Livro de Mórmon. Ele teve a maior circulação, tendo provocado mais comentário favorável ou contrário durante o século passado, do que qualquer outro livro moderno.

Este livro é um texto inspirado que foi escrito por vários profetas habitantes das Américas em tempos passados. É um registro sagrado dos antigos habitantes da América, contando principalmente o período de sua história compreendido entre 600 A.C. e 400 D.C.

Sua mensagem foi inscrita em placas metálicas por vários autores. Tais escritos foram resumidos pelo profeta Mórmon, um dos últimos sobreviventes da raça quando decadente. Por isso é conhecido como o “Livro de Mórmon”. Ele confiou as placas a seu filho Moroni, que foi o último historiador dos Nefitas. Moroni depo-

(continua na página 356)

"AQUELA PEQUENINA VOZ"

Pelo Presidente S. Dilworth Young

Eu nunca encaro sem grande cautela qualquer oportunidade de me dirigir a grupos jovens, e assim, encontro-me ansioso por contar-lhes as experiências de minha vida, a fim de precavê-los contra tais armadilhas, se acaso as vierem a defrontar. Gostaria de poder ampará-los contra os problemas que encontrei na juventude. O motivo por que desejo fazê-lo, é, parece-me, um indício de velhice. Na verdade, o que almejo antes de tudo é que vocês saibam como encarar os problemas e situações, e como solvê-los inteligentemente e dignamente, não se abstendo de enfrentá-los.

Não posso explicar-lhes claramente todas as coisas, devido à barreira da linguagem. Não me refiro ao idioma inglês, pois vocês amigos, desde há longo tempo vêm-se familiarizando com os americanismos excêntricos dos nossos missionários. Refiro-me antes à barreira da idade. Palavras ditas sob o ponto de vista de um homem em seus sessenta anos, geralmente não têm o mesmo significado para uma pessoa no vício da juventude. A perfeição de entendimento é melhor obtida quando as pessoas participam de experiências comuns.

Alguém perguntou a Joseph Smith, de certa feita, em que sua Igreja diferia das demais. Sua resposta, porém, não foi completamente apreendida pelas pessoas. Ela era composta de cinco singelas palavras, "Nós pos-

suímos o Espírito Santo." Ele queria dizer, por certo, que nós temos o poder de receber constante orientação do Espírito Santo, assim como um grande testemunho. Foi-nos concedido, quiz ele dizer, o direito de gozar da inspiração especial reservada àqueles que aceitaram não os nossos, porém os Seus termos.

O fato de possuímos o Espírito Santo não implica em que saibamos ouvir Seu "sussurro", e "aquela pequenina voz" que nos guia no caminho de todas as verdades é difícil de ser interpretada. Eu penso que isso é uma verdade completa, pois Ele usa, para chegar até nós, os mesmos canais de que se valem as nossas emoções. Muitas vezes interpretamos nosso entusiasmo, desejo e ansiedade como resultado do "sussurro", (da orientação). Muitas vezes o homem sentir-se-á cheio de entusiasmo. Pode ter o dom da expressão e, sua eloquência o fará supor que está cheio do Espírito, e todavia, ele pode estar apenas entusiasmado.

Os sentimentos são normalmente socgados, calmos. Alguém tem o "pressentimento" de que não deveria tomar parte em certa empreza ou preocupa-se quanto a uma decisão a ser tomada; outras vezes é uma voz que vem à sua mente, trazendo palavras que apesar de não serem suas, parecem pertencer-lhe. Apenas depois de muitas experiências é que uma pessoa consegue distinguir a dife-

rença entre êsses sentimentos e os pensamentos e sentimentos de sua vida normal. Depois de pouco tempo êle estará apto a ter certeza de suas inspirações, e receberá verdadeira orientação, pois aprendeu a ter cautela. É difícil ilustrar o que eu digo mas, há dois fatos que sucederam comigo que dão uma idéia parcial disso.

Certa vez, quando em missão, fui a Lago Salgado e, pensando ser necessário fazer um relatório verbal ao Presidente David O. McKay, que naquêlo tempo era o Conselheiro da Primeira Presidência incumbido das missões, comecei meu relatório, logo após me ter êle atendido com a maior amabilidade. Eu já falava há uns dez minutos quando êle me interrompeu dizendo que eu tinha muito mais coisas para falar do que o tempo permitia, e desculpou-se pois tinha que atender a outros compromissos, mas prometeu que me chamaria dentro de dez dias ou umas duas semanas, a fim de que eu pudesse terminar o meu relato.

Cêrca de duas semanas mais tarde, num sábado, quando me dirigia a uma conferência, passando pelo escritório, encontrei sôbre a minha mesa uma nota na qual se lia: "O Presidente McKay deseja vê-lo às primeiras horas da manhã de segunda-feira." O que vocês supõem que pensei? Foi isso: "É para terminar o meu relatório." Apanhando minha pasta, dirigi-me apressadamente para a porta do edifício. Ao abri-la, umas palavras vieram à minha mente — elas pareciam ser minhas palavras. Eu tinha a impressão de estar falando comigo mesmo. Estas foram as palavras, "Ele não deseja que você fale sôbre o relatório da missão; está chamando-o para presidir uma missão na Nova Inglaterra." Eu senti isso tão seguramente como se uma pessoa me houvesse afirmado. E na segunda-feira seguinte isto foi justamente o que aconteceu.

De outra feita, em missão, tive que presidir uma conferência em Portland, Maine. Lá eu fiz designações, e tinha permitido a um missionário deixar seu companheiro sôzinho o tempo necessário para ir a uma cidade vizinha, apanhar sua bagagem. O companheiro estava doente, com um forte resfriado.

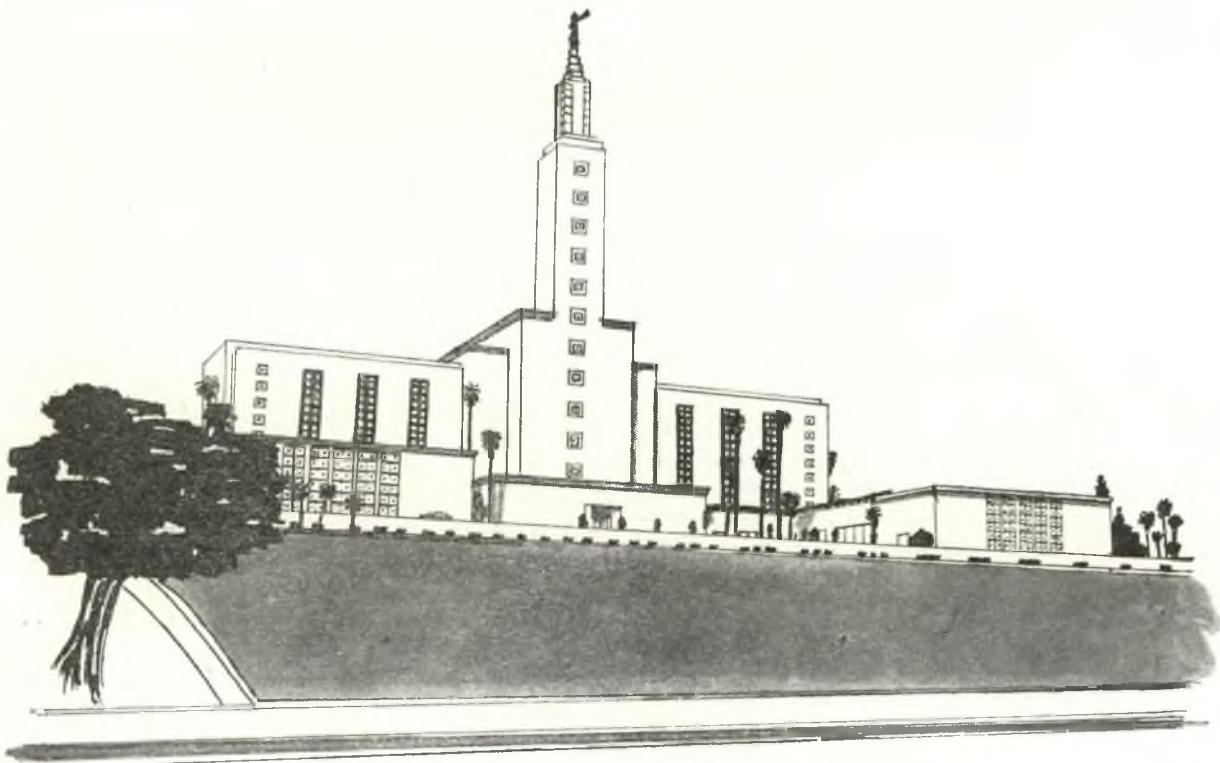
Na manhã seguinte, de volta à sede, senti-me preocupado. Tentei cortar grama e isso não ajudou. Fui a uma passeio pelo rio Charles, e ainda assim não me senti tranqüilo. Pensei que, talvez uma volta de carro me ajudasse, e então sai pela Highway 16, através de Utah. Quando cheguei à estrada pública que circundava Boston, virei à direita e fui para o norte. A seguir fui para a estrada

de Maine e dirigi ao longo dela. Comecei a sentir-me um pouco mais tranqüilo. Em uma hora ou duas encontrei-me em Portland, e pensei, "preciso dar uma olhadela no meu amigo missionário que estava doente." Fui então à sua casa, e lá encontrei-o em dificuldades as quais, se eu não tivesse chegado naquela ocasião precisa, poderiam arruinar sua missão. Eu não havia tido nenhum pressentimento, e sim havia sido literalmente compelido a ir a Portland sem saber que era necessário lá.

Há muitos outros meios além dêstes, pelos quais você pode ser ensinado, guiado e salvo pelo Espírito, se estiver sempre em harmonia com êle.

Muitos de vocês, jovens amigos, irão admitir que a Igreja e seus ensinamentos darão paz à sua mente. As doutrinas positivas da exaltação nos proporcionam continuamente auxílio e significado na vida, como foi com os que nos antecederam. Quando você estiver empenhado em introduzir êsses princípios em sua vida, você terá pouco trabalho para receber a inspiração e a orientação do Espírito Santo. Mas, outras vêzes, você sentir-se-á pesaroso e atemorizado pelas ações que observa em outros que professam estar seguindo o mesmo caminho que você. Especialmente seus líderes. Êstes são amigos comuns, conformados no mesmo molde, e você pensará que deveriam dar um exemplo melhor. Aqui estão as sementes da apostasia. A crítica aos líderes do ramo, da missão ou da Igreja, o conduzirão à apostasia, sem dúvida nenhuma, se você se deixar levar por tais coisas. A crítica às suas relações conduzi-lo-á ao ódio e à perda do Espírito.

Haverá muitas vêzes em que você interrogará o Espírito a respeito dos atos dos homens. Mas lembre-se de que o Espírito é uma série de princípios a serem obedecidos por cada pessoa individualmente, e não o julgamento de como agem os homens. Seguindo Seus princípios seremos conduzidos à salvação e à exaltação. Nega-los por causa de alguns atos reprováveis de alguém que também aceitou e concordou em seguir os mesmos princípios, é tolice. Os atos das outras pessoas serão a sua maior provação, mas se você fôr fiel e não se deixar levar por críticas maliciosas — desta maneira colocando-se a si mesmo como juiz — você será capaz de reconhecer que as pessoas que assim agem, condenam a si mesmas sômente e não ao Espírito. E você continuará a gozar a inspiração e a orientação do Espírito Santo — como é de seu direito esperar.



OBRA TEMPLÁRIA

Por Joseph Fielding Smith,
Presidente do Conselho dos Doze.

Meus queridos irmãos e irmãs, eu peço agora o apôio do Espírito do Senhor. O Elder Christiansen nos relatou sua visita aos vários ramos da Igreja na Europa. Eu também fiz uma promessa aos bons membros do distante Pacífico, de que ao retornar, transmitir-lhes-ia lembranças dêles, e a expressão de seu amor e irmandade. É algo glorioso ir a um país, especialmente a um tão distante, e encontrar membros da Igreja que pensam e agem exatamente como fazemos aqui, com o testemunho do evangelho de Jesus Cristo, em sua verdade. Estou cumprindo minha promessa ao expressar-lhes a boa-vontade e amizade daqueles irmãos.

Durante os poucos minutos de que disponho, gostaria de citar um texto das palavras do Salvador, "...aquêlo que não nascer da água e do espírito, não poderá entrar no reino de Deus." (João 3:5.)

Estou firmemente convencido de que em nenhum outro lugar do mundo, fora da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, há

qualquer pessoa com autoridade para realizar as ordenanças que trarão o nascimento pela água e pelo Espírito à humanidade. Isto tem que vir de alguém que possua a autoridade do Sacerdócio de Melquizedec, transmitido sob as mãos de Pedro, Tiago e João, a Joseph Smith e Oliver Cowdery.

E daquela fonte obtivemos o sacerdócio de Deus, pelo qual agimos e pelo qual saímos pelo mundo pregando o evangelho aos que se assentam em escuridão. Eu sei que esta declaração não é agradável à maioria das pessoas sôbre a face da terra, mas contudo é verdadeira. E compreendo que é impossível para nós — tôdas as coisas, não obstante, são possíveis ao Senhor — mas ainda é impossível para nós com todos os meios de que dispomos, e êsses meios têm crescido maravilhosamente durante os últimos tempos, alcançar tôda alma vivente sôbre a face da terra.

E, no entanto, sendo verdadeira a Palavra

do Senhor, tempo deverá chegar em que a mensagem da salvação será levada a toda alma.

Além disso, tem havido milhões e milhões de pessoas que viveram neste mundo e nunca tiveram oportunidade de ouvir falar de Cristo, e que nunca nem mesmo ouviram seu nome, por viver numa época e local em que aquele nome não era conhecido e onde o evangelho não os alcançou, sem qualquer culpa por parte de nosso Pai Celestial, ou de seus servos autorizados, mas porque desde o princípio dos tempos, o homem amou a Satanás mais do que a Deus, e muitos se revoltaram, recusando-se a receber a verdade, criando por isso seus filhos dentro da escuridão. Eles morreram portanto na escuridão, no que concerne ao evangelho de Jesus Cristo.

Contudo, as promessas do Senhor devem ser e serão cumpridas. Desde o primeiro princípio desta dispensação, apenas alguns meses após a organização da Igreja, o Senhor deu revelação na qual prefigurava a salvação da família humana, de todos os que se arrependessem e cressem. Eu lirei para os irmãos esta parte do prefácio do Senhor ao livro de seus mandamentos; são as palavras do próprio Cristo.

“Escutai, ó povos da Minha igreja, diz a voz daquele que habita no alto e cujos olhos estão sobre todos os homens; sim, na verdade vos digo: Escutai, ó povos de terras longínquas, e vós que habitais as ilhas do mar, escutai juntamente.” (D. & C. 1:1.)

Isto se refere a todos os que estão vivendo, mas o Senhor alarga ainda mais o horizonte, e afirma:

“Pois na verdade, a voz do Senhor se dirige a todos os homens, e ninguém escapará e não há olho que não verá, nem ouvido que não ouvirá, nem coração que não será penetrado.” (D. & C. 1:2.)

O Senhor não limitou isto a qualquer dispensação ou idade do mundo, pois tem a amplitude da história da humanidade; e ele acrescenta:

“E os rebeldes serão tomados de muita tristeza, pois suas iniquidades serão proclamadas de cima dos telhados, e descobertos seus atos secretos.” (D. & C. 1:3.)

Parece-me bem estranho que os povos do mundo, desde os dias da grande apostasia, quando os apóstolos antigos foram removidos e os portadores do sacerdócio destruídos, pudessem cair numa tão medonha situação como a que prevalece hoje, a qual nega a salvação a toda alma deste mundo que nunca tenha ouvido o nome de Jesus Cristo ou nunca tenha tido oportunidade de se arrepender e ser batizada recebendo o dom do Espírito Santo. Esses povos não deixam qualquer esperança a todas essas

pessoas das nações, pagãs ou não, que tenham habitado a face da terra sem ouvir falar no nome de Jesus Cristo.

O Senhor é justo, e tornou claro que tempo virá em que toda alma terá oportunidade de ouvir a verdade. Isto não significa que toda a alma terá aquela oportunidade neste mundo mortal. Milhões de pessoas têm morrido sem ver cumprida essa promessa, não por culpa própria, mas sim por falta de seus pais, antes deles, que deram as costas à verdade que foi dada desde o princípio a Adão o qual recebeu ordens de ensinar essas coisas a seus filhos. As escrituras afirmam que Adão ensinou tais coisas a sua descendência, mas ela amou mais a Satanás do que a Deus, e Satanás veio entre eles e disse, “Eu sou também filho de Deus, e os mandou dizendo: Não creiam, e eles não crearam, e amaram Satanás mais que a Deus. E daquele tempo em diante os homens começaram a ser carnaís, sensuais e maus.” (Moisés, 5:13.) Desta forma a escuridão se espalhou por toda a superfície da terra.

Em sua justiça o Senhor revelou à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, assim como revelou nos dias dos antigos apóstolos, que há salvação mesmo para os mortos, e deve vir um tempo em que toda alma terá oportunidade de ouvir o evangelho. Os que não gozarem essa oportunidade neste mundo, ainda a terão no mundo dos espíritos, e Pedro tornou isto muito claro em suas Epístolas; nada mais justo do que aqueles que morreram sem conhecimento do evangelho terem essa oportunidade. O Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith a grande verdade de que tempo viria em que o evangelho do reino seria declarado aos mortos, e que os que nunca tinham tido oportunidade de ouvi-lo deveriam receber sua chance, e se se arrependessem no mundo espiritual, então nós poderíamos ir aos templos do Senhor e realizar as ordenanças vicariamente, por eles, sendo salvadores no Monte Sião; dando assim oportunidade aos mortos de ouvir a verdade, arrepender-se de seus pecados, e se se arrependessem, voltando as costas ao mal e aceitando a verdade, poderíamos realizar por eles, nos templos, as ordenanças diversas, e elas teriam o mesmo valor do que se estivessem vivendo sobre a terra.

O evangelho de Jesus Cristo é uma obra vicária. Cristo veio ao mundo e morreu pela humanidade. Ele não morreu apenas por aqueles que se arrependeram de seus pecados e aceitaram o evangelho. Sua morte sobre a cruz, trouxe salvação a toda alma vivente, no que concerne à ressurreição dos mortos, e toda alma nascida neste mundo receberá a ressurreição por não ter sido responsável por trazer a morte ao mun-

do, mas naturalmente, terá de morrer — isto faz parte da vida mortal — sendo entretanto ressuscitado, não importa quem seja, como viveu, no que creu ou deixou de crer. Esta é uma dádiva universal de Jesus Cristo, a tôdas as almas.

A coisa já é outra, no entanto, no que diz respeito ao Reino de Deus, e nenhuma alma penetrará naquêlo reino até que tenha recebido, seja nesta vida, pessoalmente, ou mais tarde, por procuração, porque não estava aqui para recebê-lo, o batismo pela remissão dos pecados e a imposição das mãos com o dom do Espírito Santo. Que maravilhosa dádiva foi esta que o Senhor colocou em nossas mãos, para trazer salvação aos mortos, aos que estão ansiosos por se arrepender e aceitar a verdade.

Eu nem imagino que tôdas as almas que jamais viveram sôbre a face da terra e que tenham morrido, indo para o mundo espiritual, não se arrepender e aceitar o evangelho. Haverá muitas que não o farão. Nossas escrituras salientam êsse fato. Elas não aceitarão o evangelho no mundo espiritual, se estiverem cheias de amargura e ódio à verdade, mas têm o direito de ser ensinadas nêsse respeito.

O Senhor foi ao mundo dos espíritos, e Êle próprio deu volta à chave que abriu a salvação aos mortos, e nossos élderes, quando passam para o próximo mundo, continuam lá seus labores de pregar o evangelho, trazendo ao arrependimento todos que estejam desejosos de fazê-lo e de receber a verdade, para que possam penetrar no reino de Deus, ou, como chama Paulo, “na família de Deus no céu e na terra. Pois tal é a família de Deus. Seu reino será uma grande família, e por isso, nós nos chamamos mutuamente irmãos e irmãs. Na expressão da verdade, nos tornamos herdeiros conjuntos, ao lado de Jesus Cristo, e através de seu evangelho seremos filhos e filhas de Deus, merecedores da plenitude de suas bênçãos, se nos arrependermos e guardarmos seus mandamentos.

Em conclusão, desejo ler-lhes uma ou duas declarações relativas a nossas responsabilidades com respeito aos mortos. Primeiramente do Profeta Joseph Smith:

“A maior responsabilidade dêste mundo, a qual Deus colocou sôbre nossos ombros, é buscar nossa genealogia.” (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 356.)

“Esta doutrina foi sempre o tema central das escrituras. Os Santos que negligenciam esta obra em prol de seus parentes falecidos, o fazem com perigo de sua própria salvação.” (Ibid., p. 193.)

“Uma das maiores e mais importantes revelações do Senhor, é a salvação dos nossos mortos, quando Êle disse que enviaria Elias

para selar os filhos aos pais, e os pais aos filhos... pois, sem nós, êles não poderiam ser tornados perfeitos, nem nós sem êles; os pais sem os filhos, nem os filhos sem os pais... Eu desejo que compreendais êste assunto, porque é importante.” (Ibid., p. 337.)

“Nós temos uma obra a realizar, tão importante em sua própria esfera quando a obra do Salvador na dela. Nossos pais não poderão se tornar perfeitos sem nós; e nós não poderemos nos tornar perfeitos sem êles. Êles completaram a sua obra, e agora dormem. Nós somos agora chamados para fazer a nossa parte, a qual é a maior obra jamais realizada pelo homem sôbre a face da terra.” (Discourses Brigham Young p. 406.)

“A ordenança de selamento deve ser realizada aqui, homem a homem, mulher a homem, filhos a pais, etc., até que a cadeia da geração se torne perfeita nas ordenanças de selamento, até nosso Pai Adão...” (Ibid., p. 407.)

“Irmãos e irmãs, plantem estas coisas em seu coração. Prossigamos com nossos registros... Eu oro a Deus que como povo, nossos olhos possam estar abertos para ver, nossos ouvidos para ouvir e nossos corações para compreender a grande e poderosa responsabilidade que repousa sôbre nossos ombros, e que o Deus dos céus requer de nossas mãos...” Presidente Wilford Woodruff. (Revista Genealógica e Histórica de Utah, Vol. 13; p. 152.)

Êste é o dia no qual o Senhor espera que sua Igreja pelo menos inaugure a grande obra de voltar os corações dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais.” Presidente David O. McKay (Revista Genealógica e Histórica de Utah, Vol. 25, p. 59 ou Ideais do Evangelho, p. 19).

“Que pensa de seus antepassados que nunca ouviram o nome de Jesus Cristo?... É sua a oportunidade de coletar os nomes de seus ancestrais e, sendo batizados por procuração, êles poderão tornar-se membros do reino de Deus, no outro mundo, como nós o somos aqui.” — Presidente David O. McKay. (Instructor, Novembro, 1958, p. 322.)

Irmãos, estas são nossas responsabilidades, e o Senhor requer esta obra de nossas mãos. A igreja tem feito enorme despesas, esforçando-se por reunir registros dos mortos, e eu desejo dizer-lhes que vem sendo muito bem sucedida no reunir os registros dos ancestrais de forma a que possamos ir aos templos do Senhor e realizar o trabalho por êles, para que todos os que estiverem desejosos de se arrepender e aceitar o evangelho de Jesus Cristo, possam ser trazidos a seu reino e à grande família de Deus, a qual está em ambos os lugares, na terra e nos céus.

Os Mortos são Chamados “ao Lar”?

EU GOSTARIA DE SABER

JOSEPH FIELDING SMITH Jr.

Presidente do Conselho dos Doze

Responde à sua pergunta.

Pergunta: “De vez em quando, escutamos oradores em funerais afirmar que Deus chamou a pessoa falecida “ao lar”, sendo esta a razão da sua morte. Estamos querendo harmonizar a doutrina do livre arbítrio com esta afirmação, porém achamos dificuldade. Poderá dar-nos alguma ajuda?”

Resposta: Uma das maiores bênçãos proporcionadas à humanidade é o dom do livre arbítrio. Sem êle não poderia haver salvação. Foi plano de Satanás tirar aos espíritos designados para virem à terra, esta grande e eterna bênção. Sob falsas pretensões, êle se ofereceu para salvar a todos os filhos de nosso Pai Celestial, sem nenhuma exceção, com a condição de que nosso Pai Eterno lhe desse Seu trono. Tal salvação teria requerido de cada indivíduo a renúncia de seu dom divino de liberdade de pensamento e ação, não podendo, pois, ser nenhuma salvação. Com o divino privilégio de aceitar ou rejeitar o plano eterno que fôra previamente elaborado, cada alma está qualificada à liberdade de ação e vontade. Assim, tôdas estão sujeitas às recompensas e castigos baseados na conduta individual. Um dos grandes mandamentos é o seguinte:

“Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.” (Êxodo 20: 12).

Paulo comentando isto disse:

“Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa;

“Para que te vá bem, e vivas muito tempo sôbre a terra.” (Eph. 6: 1-3). Aconselhando os Santos em Corinto, que eram culpados de violarem a sagrada observância do Sacramento, Paulo ainda disse:

“Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para si mesmo o juízo, não discernindo o corpo do Senhor.

Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem. (I Cor. 11: 29-30).

Evidentemente, Paulo queria dizer que muitos tinham morrido por causa de sua violação dêste mandamento. Pouca questão pode ser levantada ao redor do fato de que os homens encurtam suas vidas violando os mandamentos do Senhor. O uso de narcóticos, licôres e outras drogas e estimulantes, inevitavelmente enfraquece e impede as funções do corpo, encurtando assim o espaço de vida.

Mesmo pessoas boas e fiéis, que desprezam as leis da saúde, podem encurtar o período de vida, que de outra maneira poderia ter sido o seu. Mais ainda, estamos todos sujeitos a doenças, desastres, acidentes, que podem encurtar a vida e muitas vêzes o fazem.

Quase todos os dias, lemos de pessoas que morrem em acidentes de automóvel, afogam-se em algum rio ou lago, ou algum outro perigo. A morte lhes sobreveio e não foi por sua falta, em absoluto. Estamos todos sujeitos às vicissitudes e condições da vida, que se nos confrontam e que não podem ser previstas. Seria contra o pensamento são assegurar que o Senhor teria decretado que êstes indivíduos fôsem chamados “ao lar” por tais acidentes ou calamidades, ou que o “Destino” assim teria mandado.

É certo que alguns foram “chamados ao lar” por morte súbita. Foi o caso do profeta Joseph Smith e seu irmão Hyrum. Êles tinham terminado sua obra, e as chaves da autoridade tinham sido conferidas aos Doze, legalmente e por revelação divina. Êles estavam na força de

(cont'nua na pág. 361)



A Primeira Guerra Mundial foi generosa na introdução de novos e mais aperfeiçoados métodos para destruir soldados inimigos. Principalmente inventando modos de usar explosivos que detonassem de surpresa. Lançavam-se bombas do ar; minavam-se os terrenos; espoucavam as granadas manuais. Outras bombas eram escondidas sob a superfície do oceano para trazerem destruição imediata ao navio que acaso nelas esbarrasse. Em terra, eram algumas vezes cavados túneis sob as trincheiras do inimigo a fim de que homens e instalações voassem pelos ares. Outras vezes, numa área em que se esperava ataque de infantaria, o chão era forrado de dinamite. Na hora do assalto, deixava-se o inimigo avançar até à posição mais vulnerável do campo minado; então os explosivos eram acesos, sendo todos os atacantes feitos em pedaços.

Um dos mais diabólicos dentre esses instrumentos de destruição era o dispositivo chamado “Caça-bôbos”. Constituía-se de um arranjo explosivo que servia para enganar e destruir os soldados incautos. Diz o dicionário que “bôbo” é uma pessoa estúpida ou idiota. Do nome desta demoníaca invenção, infere-se que era destinada em especial a atingir os soldados não muito atentos e que de vez em quando cometiam tolices. O invento baseia-se no mesmo princípio dos “prêmios” com que se brindam os tolos. Este é usualmente algum objeto ridículo oferecido aos que tiram o último lugar nos jogos ou marcam o menor número de tentos numa disputa. Eles foram inventados para “recompensar” os tolos, e os “caça-bôbos” foram inventados para ajudar os néscios a se auto-destruírem.

Um “caça-bôbos” consta geralmente de uma pequena bomba escondida num lugar, pronta a explodir após determinada ação da própria vítima. Isto é, a vítima é atraída a puxar um objeto ao qual foi ligado um detonador. Algu-

Bôbos”

por Sterling W. Sill
Assistente do Conselho dos Doze

mas vêzes o inimigo fazia retiradas propositas, abandonando território, trincheiras, quartéis-generais, e tudo o mais, com muitos “caça-bôbos” camuflados. Então, quando o exército avançava e ocupava essas novas posições, e os soldados iam tocar ou segurar coisas, ou pisar em lugares errados, as bombas escondidas começavam a explodir, matando uns, mutilando outros, e estourando pernas, braços e faces. Isto não apenas exterminava os soldados inimigos, como mutilava tão tristemente a alguns que se tornavam responsabilidade ainda maior do que aqueles que haviam, morrido instantaneamente. Assim o progresso do exército todo decaía.

Entretanto, o uso dos “caça-bôbos” não é limitado às guerras entre nações. De um tipo ou de outro, têm destruído pessoas ou feito decair seu progresso, ou ainda têm destruído seu sucesso na liderança e felicidade, desde o princípio do mundo. Por exemplo, diz-se que o pecado é o “caça-bôbos” usado pelo adversário. Ele adora apanhar bôbos, e é muito hábil no esconder seus propósitos de destruição e mortandade, camuflando-os sob uma isca atraente. Ele é perito em explodir a fé, por à pique a moral e encurtar o labor produtivo e o entusiasmo; tem conseguido excelentes resultados particularmente na tarefa de minar a área sobre a qual estamos a ponto de avançar. Ele leva-nos a aceitar um pequeno desânimo, um pouco de desonestidade, depois alguns pensamentos negativos e um tanto de maus hábitos. Então, mais cedo ou mais tarde, nós acionamos o detonador e a explosão arruína os alicerces do nosso sucesso. Suas armadilhas nunca estão racionadas. Na verdade, em seu estoque as maquinações infernais competem entre si, no oferecer a mais atraente armadilha de destruição. Com frequência nós nos tornamos tão enamorados dessas criações do pecado, que as apertamos es-

(continua na página 354)





Fé, Essa Conquistadora

Por James A. Little

INTRODUÇÃO

Já com grande conhecimento da linguagem dos índios e tendo adquirido entre as tribos uma reputação invejável, Jacob Hamblin dedica-se agora com maior afã ao estabelecimento da paz entre navajos, oriba e mórmons. Em suas novas emprêsas começa a trabalhar juntamente com o Major Powell, autor do livro "Eplorações do Colorado", o qual chega mesmo a mencioná-lo ao discorrer sôbre essas expedições aos navajos hostís.

CAPÍTULO XVIII

Os Moquis nos contaram que durante o tempo em que os navajos estiveram em guerra contra os Estados Unidos, êles haviam-se aproveitado de sua condição dispersa, aprisionando e matando os ladrões mais terríveis do bando. Para tal propósito os Moquis haviam sido equipados com armas e munições.

Um homem me disse que havia descoberto e assassinado oito navajos, sôzinhos.

Fui ainda informado de que os Moquis atraíram trinta e cinco navajos para dentro de uma de suas aldeias, com promessas de proteção, e então os desarmaram e atiraram de um alto rochedo entre duas de suas cidades. Eu fui ao local indicado e descobri grande número de esqueletos e alguns restos de manta. Isso tudo havia sido perpetrado durante o inverno anterior à nossa visita.

Os navajos tinham evidentemente sido os flageladores dos Moquis durante gerações, e por isso os últimos se vingariam quando quer que se apresentasse oportunidade. A paz entre essas duas tribos seria uma grande bênção para ambas.

Ansiando por solidificar da melhor maneira possível uma política pacífica, convidei Tuba,

homem de bom conceito entre seu povo, para trazer consigo sua espôsa Pulaskanimki, indo para casa comigo, para lá familiarizar-se com o espírito e política de nosso povo, e tornar-se um nosso representante de confiança entre seu próprio povo.

Eu prometi pagar-lhe por qualquer trabalho que fizesse, e trazê-lo de volta no outono seguinte.

Após confabular com seus amigos, êle e a espôsa aceitaram meu convite. Quando alcançamos os rochedos que precedem a travessia do Colorado, os Piutes que viviam no território navajo, vieram a mim, dizendo que como haviam participado, juntamente com os navajos, de ataques aos nossos povoados, desejavam obter também uma conferência pacífica. Eram mais ou menos trinta homens.

Após um interessante entendimento, iniciamos a descida dos escarpados penhascos que levavam à travessia do rio. Ao fazê-lo, o irmão Nathan Terry disse-me que tivera um sonho na noite anterior, o qual persistira em seu pensamento durante o dia inteiro, acreditando êle por isso, que significava alguma coisa. No sonho, a companhia cavalgava ao longo da trilha, quando êle ouviu o retroar de um tiro. Olhando em derredor viu alguém do grupo cair do cavalo, e parecia-lhe haver montado a pessoa novamente, e continuaram a jornada.

Após descer a escarpa, eu me distanciei um pouco na vanguarda da companhia quando subitamente, o que pareceu-me o faiscar de um raio veio sôbre mim. Foi com grande dificuldade que continuei a respirar. Não podendo manter-me, fui caindo vagarosamente do cavalo.

Jazia no chão há já algum tempo, quando um dos índios kanab que estava conosco, me alcançou e compreendendo meu estado correu até o acampamento.

(continua na página 357)

“Caça-Bôbos”

(continuação da página 351)

treitamente no regaço, comprimindo assim os invisíveis botões detonadores que farão estourar a vitalidade do nosso sucesso.

Judas foi apanhado num “caça-bôbos” que tinha trinta pedaços de prata como isca. Dimas, um dos companheiros missionários de Paulo, foi também desnecessariamente destituído de seu alto cargo. Paulo disse: “Ele amava o mundo presente. (II Tim. 4:10). Pilatos caiu no “caça-bôbos” de sua própria ignorância. Ele perguntou a Jesus: “O que é a verdade?” (João, 18:38) e então, sem esperar por ouvir a resposta, saiu do aposento. O filho pródigo abandonou sua família porque era um tólo em alta escola. Só uns poucos conseguem atravessar os campos minados de Satanás até receber o Reino de Deus.

Nêsse particular, uma das coisas mais deprimentes é que parece que nunca aproveitamos muito as experiências passadas. Nós sempre ponos os dedos na tinta fresca, mesmo depois de ler o aviso, e tocamos no fôrnio em brasa para ter certeza de que está realmente quente. Pode-se pegar um rato grande só com um pedacinho de queijo. Do mesmo modo, o mais evidente “caça-bôbos” do pecado vem a ser, na realidade, uma tremenda armadilha.

Os “Caça-bôbos” de Satanás servem para todos os propósitos, e existem em amplas proviões. De fato, há tantos “caça-bôbos” quantas pessoas. Você se lembra do “caça-bôbos” em que Esaú caiu. Uma noite ele estava faminto e trocou seu direito de primogenitura por um guizado. Esta idéia específica foi de tanto sucesso que Satanás passou a usá-la inúmeras vezes depois disso. Esaú foi tapeado porque a bomba estava camuflada por uma “ilusão de perspectiva”, que faz as coisas próximas parecerem grandes e importantes e as coisas distantes menores e insignificantes. Isto é, se você olhar uma longa fila de postes telefônicos, cada um vai parecendo ficar menor com a distância, até que o poste lá no horizonte nada mais parece ser do que uma cabeça de alfinete. E isto tem todo o aspecto de verdade; seus olhos lhe dizem que é real, mas ainda assim, não é. Nós podemos demonstrar para nós mesmos essa ilusão de perspectiva, de várias maneiras. Por exemplo, ponha um níquel diante dos seus olhos e ele tapará a maior estrêla, há algumas centenas de milhões de milhas de distância; uma moeda de um cruzeiro nos vedará até o sol. Isto não quer dizer que a moeda seja maior do que o sol e — sim que ela está mais próxima dos nossos olhos.

É muito fácil descobrir esta ilusão quando

ela se aplica às distâncias, mas não é tão fácil assim verificar-se a mesma ilusão com referência ao tempo. Pergunte a uma criança de seis anos o que ela gostaria mais de receber: um cruzeiro hoje, ou cinco cruzeiros na semana que vem. Um guizado no momento pareceu mais importante a Esaú do que um direito de primogenitura que só seria valioso alguns anos depois. Esaú não conseguia estimar com inteligência os valores que estavam a mais de um palmo do seu nariz.

Mas quantos de nós cometemos êrros semelhantes? Todos os dias desprezamos uma perspectiva de sucesso e felicidade futuras por um prato de guizado agora mesmo. Alguém disse: “O céu é uma maravilha — só que tem que está ainda muito distante.” Muitos trocam sua saúde e fortuna pelas ilusões da boemia. Outros estão se oferecendo a um possível câncer, comprado com uma dose diária de nicotina. Muita gente incorrerá num débito desnecessário se não o pagar agora. Fazemos um acervo de outras coisas erradas, só porque a punição não é imediata. O namôro, o noivado e até mesmo o casamento não estão livres de “caça-bôbos”. A sedução das coisas presentes tem tão grande atração que se não fôrmos alertas e resolutos, a própria vida irá explodir nas nossas faces. Podemos muitas vezes ser induzidos a trocar até nossas próprias mansões celestiais pelo pedacinho de nosso queijo favorito, se fôr pôsto na ratoeira agora mesmo, por Satanás.

Podemos também perder nosso direito de primogenitura se não fizermos os necessários descontos à ilusão de perspectiva. Mesmo com uma visão digna de grau dez, ainda quebramos a cabeça na mais mal-disfarçada armadilha, se a punição estiver rotulada como “adiada”. Até mesmo o estar destinado ao inferno não parece muito mal a alguns, se não tiverem que ir agora mesmo.

O Fausto de Goethe caiu num “caça-bôbos” pior do que o de Esaú. Esaú trocou seu direito de primogenitura por um guizado; o Fausto trocou sua alma por uma promessa de vinte e quatro anos de prazer terreno. Poderíamos pensar que mesmo um bôbo não seria tão idiota, mas devemos nos lembrar de que tratando-se de “caça-bôbos”, o perigo nem sempre está tão a descoberto. A razão do pecado da procrastinação ser tão popular é que a bomba está oculta à distância — você apenas propõe a ação no futuro, longe o bastante para reduzir sua importância a um tamanho com o qual não se assuste mais. Um dever atual apresenta com frequência grandes e poderosas dificuldades, mas, se pôsto na lista do “para amanhã”, ele não incomodará mais, como se tivesse sido solucionado.

Que dia extenso terá que ser o de “amanhã”, porque nêle faremos tôdas as coisas que precisávamos fazer hoje. O procrastinador é um bôbo; o preguiçoso é outro bôbo, e aquêle que não pode olhar um palmo adiante do nariz, é outro ainda maior; mais cedo ou mais tarde a bomba apropriada explodirá nos seus órgãos vitais.

Qualquer que deliberadamente pisar num “caça-bôbos”, é um néscio. Qualquer que continuamente brincar com um “caça-bôbos”, é um parvo também. Mesmo que você não possa ver o explosivo, é ainda muito arriscado brincar com “caça-bôbos”; continua sendo perigoso apegar-se a maus hábitos, mesmo que sejam diminutos. As coisas que são pequenas hoje, podem tornar-se grandes amanhã. De qualquer modo, um pequeno mau hábito, ou uma pequena má ação, são o bastante para conduzir-nos aos campos minados do inimigo. Assim, quando estivermos bastante vulneráveis, o estopim será aceso e nosso sucesso será feito em pedaços, esvaindo-se em fumaça as nossas esperanças. Mesmo que a bomba do mau hábito seja pequena, ela poderá ainda bloquear nossa visão e destruir nosso julgamento. Uma granada manual é pequena, mas será melhor que você não a tenha no seu cinto quando ela explodir.

Algum tempo atrás, um homem confessou-se desejoso de ficar mais ativo na Igreja. Êle parecia uma pessoa muito capaz, potencialmente. A princípio eu não pude entender porque êle não havia ainda se tornado um bispo ou um presidente de estaca. Mas, ao visitá-lo, eu fiquei sabendo que, anos antes, êle acionára o “caça-bôbos” de beber em sociedade, o qual explodiu num sério desastre automobilístico, onde uma vida fôra sacrificada. Êle tinha adquirido um modo de pensar errôneo, que o guiara ao campo minado da imoralidade. Daí resultara o desmoronamento de um matrimônio no qual fôram envolvidos pelas conseqüências seis crianças menores. Os gastos e distrações extra solaparam sua posição financeira, e sua própria vida estava em ruínas. Note-se que êle sempre pretendia ser bom, e realmente queria agir bem. Só que era um parvo e pisava continuamente em “caça-bôbos”. Se alguém pudesse pintar um retrato físico do espírito dêsse homem, seria esta a melhor maneira de o demonstrar: um ser com os braços estourados, sem olhos, com as pernas despedaçadas e as demais partes tão horripilantes e estropiadas que seria impossível descrever. Seu presente desejo de levar uma nova vida é muito recomendável, mas poderá êle esperar sucesso? Pois arrasta a desvantagem daquêles que buscam empreendimentos proveitosos, possuindo

do mutilações que os tornam praticamente incapazes de triunfar nêles.

O desânimo é um dos mais eficientes “caça-bôbos” de Satanás. Quando permitimos que nossas emoções se descontrolam, elas logo o demonstram, estourando na nossa cara: sofremos uma baixa em nossa laboriosidade, ou entramos numa fase de depressão mental e espiritual, e nos tornamos freqüentemente incapazes de sair dela. Satanás apanha muitas pessoas porque elas não sabem manejar o acionador da maré de suas vidas. Freqüentemente os tôlos andam juntos e unindo seus pensamentos negativos e maus exemplos, destroem-se mutuamente. Não há nada mais comum do que pequenos grupos de pessoas que conduzem-se a pactuar com o demônio, ou a agarrar-se ao fracasso.

Todo mundo sabe, por exemplo, que fumar faz mal. O Senhor nos aconselhou sôbre isso. É dispendioso; é prejudicial; é sujo; toma tempo; é muito difícil de deixar. Ainda assim, com os olhos bem abertos, os membros de um grupo atraem-se uns aos outros a brincar com o tabaco, até que lhes sobrevenha a explosão que destruirá suas almas e estragará seus dentes. O hábito de beber é o queijo que o mal usa para apanhar os néscios quando em grupos. O melhor modo de evitar ser destruído por um “caça-bôbos” determinado, é abandoná-lo. A melhor maneira de evitar tornar-se um bebedor inveterado, é apenas não tomar o primeiro trago. Há apenas duas espécies de bebedores: os que poderiam deixar de beber, se quizessem, e os que gostariam de deixar de beber se pudessem. Uma pessoa que se embriaga é praticamente um fã-lido.

Que pensaria você de um jogador de basquete que treinasse como fracassar no jogo? Ou do vendedor que passasse seu tempo tornando as vendas futuras o mais difíceis possível? E o que você acharia de um filho de Deus que brincasse continuamente com as coisas que poderiam levá-lo ao terreno da destruição eterna? Ou como classificaria o líder que conduzisse a si próprio ao abismo, pelos muitos hábitos e atitudes que o fariam falhar?

Se você fôsse um jogador de futebol, seus êrros seriam publicados todos os dias no jornal por aquêles que os vissem. Mas o julgamento final para muitos de nós será a primeira vez em que poderemos ver a lista dos nossos próprios êrros. Nós deveríamos fazer uma contagem e tornar pública a lista dos nossos próprios sucessos, fugas e êrros. Só então estaríamos bem informados sôbre nós mesmos.

As mais altas recompensas da vida não estão naquilo que nós podemos tirar dela, mas no que podemos transformá-la. Se chegarmos

em último lugar numa corrida, não somente teremos ganho o “prêmio dos bôbos”, como também poderemos ter-nos tornado um tólo pelo caminho. Nós só deixaremos de ser mutilados pelos “caça-bôbos” quando pararmos de puxá-los para ver se eles explodem. Não deixe-se levar pelo fato de seu mau hábito ser um dos menores; ele irá crescer rapidamente, se você continuar a alimentá-lo. Podemos estar certos

Afirmamos Nossa Fé

(continuação da página 343)

situa as placas dentro de uma caixa de pedra na escarpa de um morro, e mais ou menos 1.400 anos mais tarde, como ser ressuscitado, revelou seu esconderijo a Joseph Smith o profeta, o qual traduziu, pelo poder e dom de Deus, o que se diz ser egípcio reformado, para o inglês.

É sem dúvida este elemento milagroso que perturba a muitos que vêm a conhecer o registro, e que faz com que outros o rejeitem sem maior interesse. A nós nos parece bem estranho que pessoas que crêem na Bíblia sejam céticas em relação ao miraculoso.

Os milagres fazem parte integrante do antigo e do novo Testamento. A história da vida terrena de Jesus de Nazaré continua a trocar os corações, e a intrigar as mentes dos homens, grandemente devido ao milagre de Seu nascimento, aos milagres quase diários que fez durante Seu ministério e ao transcendente milagre de Sua ressurreição e ascensão. Além disso, Ele deixou com Seus discípulos a promessa de uma reaparição miraculosa nos últimos dias. Transcrevendo palavras do apóstolo Paulo, perguntamos:

“Pois, porque julga-se coisa incrível entre vós que Deus revele seus desejos a seus servos, os profetas, conforme ele prometeu fazer?”

Um fato marcante com respeito ao Livro de Mórmon é sua popularidade e efeito continuado. Cento e trinta anos depois da primeira publicação, ainda é um dos exemplares mais vendidos, sendo que uma tiragem superior a trinta e cinco mil exemplares é impressa em inglês, a cada ano e outros milhares distribuídos, em 27 línguas para as quais foi traduzido. Perto de três milhões de cópias desse livro foram distribuídas em quase todos os países do mundo, durante o século passado.

Na verdade, cremos que o Livro de Mórmon é a palavra de Deus, assim como cremos no milagre que representa a sua preservação e aparecimento. Muitas pessoas procuram desacreditá-lo, e diversas coisas foram escritas contra ele, porém nos últimos tempos, alguns de nossos amigos fizeram declarações significativas de-

de uma coisa: quer o “caça-bôbos” seja pôsto por Satanás, quer pelo fracasso, quer por nós mesmos, tudo explodirá eventualmente, com efeitos mortíferos ou outros efeitos imprevisíveis. Então descobriremos, tarde demais, que só sobraram duas coisas de todo o nosso esforço: um “prêmio ao bôbo”, e um bôbo.

Traduzido por Ricardo Bastos

pois de estudo cuidadoso do livro. Refiro-me a uma ou duas citações tiradas de um pequeno livro do Dr. Franklin S. Harris Jr., com o título: “A mensagem e evidência do Livro de Mórmon”. Charles Hull, professor de história americana da Universidade de Cornell escreveu: “Estou disposto a dizer a qualquer pessoa, que considero o Livro de Mórmon um dos mais famosos e discutidos livros jamais publicados nas Américas. Diz um jornal de Rochester: É o livro que serviu para fundar a maior religião do continente e do século. Não foi tanto o livro em si, mas sim a influência maravilhosa que ele exerceu na América o que conta.”

E um ex-Secretário da Agricultura, que leu o livro cuidadosamente, disse: “De todos os livros americanos do século dezanove, o Livro de Mórmon parece ser o mais poderoso. Ele talvez tenha alcançado somente um por cento (1%) da população dos Estados Unidos, mas este um por cento foi afetado de forma tão poderosa e durável que através dele todo o povo dos Estados Unidos foi influenciado, especialmente no que diz respeito à abertura de uma de nossas fronteiras.”

Portanto, nossa declaração sobre o Livro de Mórmon é bem solene. Se ele é falso, chega a ser uma blasfêmia. Se ele é verdadeiro, todos que nele crêem têm a solene obrigação, como teve seu autor de proclamar essa veracidade.

Um dos profetas desse livro, declarou com ênfase o que se segue, no livro de II Nefi 2: 8.

“Portanto quão importante é tornar estas coisas conhecidas dos habitantes da terra, para que saibam que não há corpo que possa viver na presença de Deus, a menos que seja por meio dos méritos, misericórdia e graça do Santo Messias, que dará Sua vida, segundo a carne, e a tomará novamente pelo poder do Espírito Santo, para que Ele possa ressuscitar os mortos, tendo Ele sido o primeiro a ressuscitar.”

E mais adiante, no mesmo livro, depois de mencionar os eventos milagrosos da história dos Israelitas, declara:

“... e vos digo, que assim como estas coisas são verdadeiras, e como o Senhor Deus vive,

não se lhe dará nenhum outro nome que não seja o de Jesus Cristo, do qual já falei, e pelo qual o homem poderá ser salvo.” (Ibid. 25:20)

É a mensagem do Livro de Mórmon que faz com que homens de quase tôdas as nações da terra o aceitem como a palavra de Deus, Criador do Mundo e Redentor da humanidade. Ele testemunha a eficiência da expiação, sua aplicação universal e seu valor para todos os indivíduos, que queiram aceitar a palavra de Deus e cumprir Seus mandamentos.

Nós insistimos em que nossos amigos examinem o livro para comprovar suas declarações, escutando a mensagem e sentindo o seu espírito. Sim, cremos em revelação continuada, tanto antiga como presente e futura.

Fé Essa Conquistadora

(continuação da página 353)

O Irmão Terry chegou até mim após ter anoitecido. Ele me administrou, em nome do Senhor, quando então os tentáculos da morte que pareciam prender meus pulmões relaxaram sua pressão, e de novo eu pude respirar naturalmente.

Atingindo as barrancas do rio no dia seguinte, Tuba, o homem que viera de Oriba, com uma expressão muito contrafeita disse-me que seu povo tinha vivido uma vez na outra margem dêsse rio, e seus pais lhes haviam advertido a nunca travessá-lo, pois se o fizessem não viveriam. “Agora, vou em visita aos meus amigos”, disse ele. “Eu adorei ao Pai de Todos da forma que você acredita certa; agora, desejo que você faça como os “Hopees” (nome que davam a si mesmos) consideram que é próprio, antes de encetarmos a travessia.”

Eu assenti. O homem tomou sua bolsa de remédios de sob a vestimenta, e me ofereceu um pouco de seu conteúdo. Eu apresentei a mão esquerda para apanhá-lo; ele pediu que eu oferecesse a outra. Então ele se ajoelhou com a face voltada para o leste, e pediu ao Grande Pai de todos para preservar-nos na travessia do rio. Disse que ele e sua esposa haviam deixado muitos amigos em casa, e se eles nunca mais voltassem, êsses amigos chorariam muito. Depois orou por seus outros amigos, os “mórmons”, para que nenhum dêles se afogasse no rio; e que todos os animais que levávamos conosco pudessem ser preservados, porque necessitávamos muito dêles todos, e que deixasse ficar conosco tôda a nossa comida e roupas, para que não precisássemos sofrer fome ou frio em nossa jornada.

Eu pessoalmente, quero prestar testemunho ao lado de todos aqueles que já foram dados, de que a Igreja, o Reino de Deus, é hoje em dia guiada por revelação. Deus não é autor de confusão. Ele não obra em lugares escuros. Ele faz com que o mundo o saiba, quando aponta um profeta e eu testifico que sei, como sei que vivo, que esta Igreja é hoje governada por profecia e por revelação, e que êstes homens a quem honramos são profetas de Deus.

Eu rogo que Ele nos possa ajudar a viver conforme seus ensinamentos, sendo honestos conosco mesmos, com os profetas e com Deus, executando as instruções que recebemos, e vivendo o Evangelho de Jesus Cristo. Digo tais coisas em nome de Jesus Cristo, amém.



Depois ele se levantou. Nós espalhamos os ingredientes da sacola de remédios no ar, na terra e sobre a água do rio.

Para mim, tôda a cerimônia teve um caráter humilde e reverente. Eu senti que o Pai tem consideração por tais petições. Interpretei o espalhar dos ingredientes da sacola como um sacrifício propiciatório.

Após essa cerimônia nós conduzimos nossos animais para dentro do rio, e todos nadaram com segurança até a outra margem. Em pouco tempo, nós e nossos carregamentos havíamos atingido o objetivo. Tuba agradeceu então ao Grande Pai, por ter ouvido e atendido à prece.

Alcançando Kanab, encontramos tudo bem. Todos pareciam gratos pelo sucesso de nossa missão e os prospectos de paz. Os índios kanab também se congratularam conosco por nosso sucesso.

Alguns piutes do lado leste do rio nos acompanharam à casa. Conversaram até tarde da noite, acêrca de coisas acontecidas durante os três anos anteriores, e disseram que não se

havam visitado muito uns aos outros durante aquele tempo.

Choog, o chefe kibab dos piutes, após conhecer todos os particulares dos índios que vieram conosco, chegou-se a mim e disse. "Agora os índios de leste do rio já fizeram paz, e os espíritos do mal não terão lugar para habitar entre eles. Portanto os espíritos o seguiram até aqui. O destruidor entrará dentro do vento, do fogo e da água, e causará a você todos os dissabores que puder. Qualquer oportunidade de distúrbio que surgir, êle a aproveitará."

Terminando êle suas advertências, eu sorri, mas o homem asseverou com grande convicção, "Você é um homem sábio e bom, e sabe mais do que eu; mas sei que o que lhe disse virá a acontecer."

Três noites após essa conversa com o chefe kibab, na noite de 14 de dezembro, uma casa em kanab, na qual residia a família do Irmão Levi Stewart pegou fogo, por alguma causa desconhecida. O quarto no qual o fogo se originou tinha apenas uma entrada, e nêle estavam armazenados alguns materiais combustíveis. As casas ali eram de troncos, construídas em forma de forte, e o povo com seus bens estava muito amontoado, todos juntos.

Quando o fogo irrompeu, as pessoas estavam de um modo geral adormecidas, e seis membros da família do Irmão Stewart repousavam no quarto em que o incêndio começou.

Antes que pudessem ser acudidos, explodiu um tambor de óleo, e imediatamente o quarto se viu envolvido por uma intensa chama que prorrompia para fora da única entrada. Os gritos dos que ardiam em chamas, o cheiro de seus corpos assando; o sinistro refulgir do fogo na escuridão da noite; a intensa ansiedade e desespero retratados nas fisionomias do pai e espôso, irmãos, irmãs e vizinhos, resultaram numa cena que jamais poderá ser esquecida pelos que a testemunharam.

Houve vários outros acidentes e incêndios nos povoados do sul de Utah, logo após o fogo em kanab, que indicavam que o chefe índio havia estado animado do espírito de profecia.

Algumas pessoas classificam os índios como supersticiosos. Eu admito o fato, mas não acho que êles o sejam mais do que muitos dos assim chamados civilizados. Há bem poucas pessoas que não tenham recebido tradições supersticiosas de seus pais. Os mais inteligentes dentre os índios, acreditavam em um Grande Pai de todos; e também nas influências do mal, na revelação e na profecia; e em muitos de seus ritos e idéias religiosas, eu os acho tão consistentes quanto as seitas cristãs de hoje em dia.

CAPÍTULO XIX

Alguns dias após haver eu chegado à casa, vindo de Fort Defiance, segui em visita a São George, e outros povoados, e levei Tuba e sua mulher comigo, para que pudessem ter oportunidade de ver algumas de nossas fazendas e indústrias de manufatura.

Após visitar uma fábrica em Washington, onde uns trezentos fuzos estavam em funcionamento, Tuba declarou que isto o havia estragado como bom oriba, pois nunca mais conseguiria voltar a pensar em fiar lã com seus próprios dedos para fazer mantas.

Sua espôsa, ao fiar o moinho de farinha, achou que era uma pena que as Hopees (querendo dizer as mulheres de Oriba), fôsem obrigadas a trabalhar com tanto esforço para conseguir um pouquinho de farinha de pão, quando ela poderia ser feita tão facilmente.

Tuba e sua espôsa colheram algodão nos campos, durante uma semana, em Santa Clara, onde as culturas de algodão haviam sido agrupadas por nosso povo, e o Presidente Young lhes deu um traje de pano.

Quando regressamos a Kanab, encontramos oitenta navajos, que lá haviam vindo para comerciar. Algumas de suas mulheres os acompanhavam, segundo seu costume quando se dirigiam em expedição pacífica.

Comiarrah, um dos dirigentes, apresentou-me sua espôsa. Ela agarrou minha mão e disse, "Nós fizemos uma grande jornada para comerciar com seu povo. Somos pobres, e trouxemos tudo o que pudemos nas costas. Nós não temos muito, e desejamos conseguir o melhor possível com isso. Retornamos a nossa terra três anos atrás, e a encontramos desolada e destituída de qualquer coisa viva. Nós já tivemos certa vez muitos carneiros e cavalos, mas os perdemos na guerra. Fomos feitos prisioneiros e carregados para uma região pobre e deserta, onde padecemos muita fome e frio. Agora temos o privilégio de viver em nossa própria terra. Desejamos começar um rebanho de carneiros e cavalos, e queremos que você fale a seu povo para nos proporcionar o melhor comércio que puderem."

Conseguiram negociar cinquenta cavalos, em Kanab, e depois foram para São George e outros povoados, trocando todas as mantas que possuíam por cavalos, e regressando a seu próprio território bastante satisfeitos.

Em setembro de 1872, viajei para levar Tuba até sua casa, conforme havia prometido que faria. Os Irmãos I. C. Haight, George Adair e Joseph Mangum nos acompanharam. Segui-

mos pela velha trilha Ute, e deixamos alguns suprimentos para o grupo do Professor Powell, num ponto anteriormente estabelecido.

No lado leste do rio, atravessamos alguns lugares perigosos, gargantas profundas e rochas escarpadas. Alguns animais nossos caíram e ficaram feridos nas pernas; um deles estava tão mal que fomos compelidos a abandoná-lo ali. Outro caiu numa fenda da garganta, sendo morto instantaneamente.

Nós improvisámos um cabo suficientemente longo para alcançar o animal, atando com firmeza várias cordas e cabrestos. Encontrou-se um lugar que permitia a descida de um homem para recolher a carga, e as coisas foram baldeadas em parcelas.

Após cinco dias de viagem, visitando alguns navajos e conversando com o povo, atingimos a casa de Tuba, na vila Oriba.

Festejamos durante um dia ou dois, comendo peras e grãos verdes, e então partimos para a agência dos navajos. Passamos lá o Dia do Senhor, e assistimos à reunião dirigida por um ministro metodista, empregado pelo governo para pregar aos navajos.

Foi-nos garantido o privilégio de falar durante a tarde. Eu falei sobre o aparecimento do Livro de Mórmon, e sobre os antigos habitantes do continente americano.

No caminho de volta, visitamos algumas das principais aldeias navajas, e vários desses índios vieram a nós para comerciar cavalos. Acampamos certa noite com um grupo deles na rocha em que o jovem George Albert Smith havia sido morto.

Um índio falou que estivera ali na ocasião em que o jovem Smith fôra assassinado, quando alguns navajos queriam começar uma dança selvagem sobre seu escalpo, mas a maioria do grupo se opôs a isso, e a dança não se realizou. Muitos deles garantiam que os mórmons eram um bom povo. O grupo que desejava matar o

“Mórmon” disse que se o homem que o matou alcançasse seus amigos, e eles lhe dessem um presente, reconheceriam que os “mórmons” eram uma boa gente. Ele afirmou que o navajo seguiu em nosso encalço, e voltou com uma arma que lhe demos.

O fato de que um índio nos alcançou, e que lhe demos uma arma, reconhecendo depois o revólver de George A. Smith em sua pessoa, foi mencionado no relato da morte desse jovem Irmão.

Soubemos que o assassino havia logo morrido uma morte miserável, e aqueles índios acreditavam que fôsse por causa de haver êle matado o “Mórmon”.

Os navajos continuaram a vir a nossas povoações para comerciar, e vinham em pequenos grupos, ou sozinho, conforme lhes aprouvesse. Tinham toda a confiança em nós como seus amigos.

Em 1871-72, explorei muitos lugares entre Lee's Ferry e Uinta Valley; ajudei a iniciar um povoado em Pahreah, levantando uma casa em House Rock Valley, e construindo um pequeno barco em Lee's Ferry.

No inverno de 1873-74, fui enviado para procurar uma rota praticável para carroções, desde Lee's Ferry até à floresta de São Francisco. Busquei a assistência de um Piute que morava a leste do Colorado, e tornei-me mais ou menos familiarizado com a região. Logo descobrimos a rota desejada.

Na primavera de 1874, uma companhia de cerca de uma centena de carroções atravessou o Colorado, bem equipada e com instruções de estabelecer uma povoação no Little Colorado, ou em algum dos tributários do rio Gila. Eu fui solicitado para dirigir os primeiros dez vagões até Moanecopy, e lá permanecer para instruções posteriores.

(continua no próximo mês)

Jóias do Pensamento

(continuação da página 339)

Nós encontramos nos ensinamentos do Senhor uma combinação de todas as técnicas, métodos e idéias que nos auxiliam a ser eficientes no ensinamento do Evangelho, e na obtenção dos melhores ideais requeridos de nós.

Se você quer ser um melhor professor, ensine pelo Espírito... e viva seus próprios ensinamentos.

Igreja no Mundo

(continuação da página 339)

área sudeste do Estado de Colorado. As quatro alas e quatro ramos, totalizando 2.261 membros foram desmembrados da Missão dos Estados Ocidentais.

Ralph M. Gardner membro da junta da missão em Colorado Springs e superintendente da Escola Dominical da missão durante os três últimos anos foi apoiado como presidente. A estaca foi formada sob a direção do Elder Marion G. Romney e do Elder LeGrand Richards do Conselho dos Doze, assistidos pelo Presidente David. S. Romney, da Missão dos Estados Ocidentais.

A Importância de Fazer o Possível

Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

LIÇÃO N.º 12

Preparado como suplemento à mensagem de Dezembro de 1960, para os Mestres Visitantes.

Uns dois ou três bilhões de pessoas habitam esta pequena esfera a que chamamos terra. Nenhuma delas é exatamente igual à outra; cada qual tem atributos e característicos os quais a fazem uma individualidade distinta e separada de seus conhecidos.

Esta diversidade originou um mundo muito interessante, no qual ninguém é capaz de fazer tudo bem, mas cada um pode fazer alguma coisa com perfeição.

Freqüentemente parece-nos que êsses talentos não são distribuídos com equanimidade e que nós devemos forçosamente ter recebido uma porção menor. Ao invés de deplorar nossa sorte, quão melhor não seria se buscássemos empregar eficientemente aquilo que nos foi dado. William James, o falecido psicólogo, observou, depois de longo e intenso estudo, que em sua opinião, a pessoa média nunca utiliza mais do que dez por cento de seu potencial. Ela conta, disse êle, com uma multidão de poderes e habilidades que não usa, e de cuja existência muitas vezes nem está a par.

Ser-nos-ia proveitoso apreender êste comentário do grande pensador, e utilizar os dons que recebemos, pois êles serão a base do nosso julgamento. (Veja a parábola dos talentos, Mat. 25: 14-30).

Labutar, progredir e desenvolver, são atributos que trazem em si uma grande parte da religião. Esta religião que recebe nossa lealdade não é uma materialização do grande “Não farás”, mas sim uma afirmativa enfática da magnitude do “fazer”, com fito em nossa salvação. Com demasiada freqüência, deixamos

que as oportunidades passem por nós pensando que poderemos atingir a exaltação simplesmente contornando os pecados mais evidentes. Êste conceito é não somente errado, como também perigoso; devemos aprender a trabalhar e a progredir. Êsse aprendizado precisa ser feito aqui e agora, pois estaremos trabalhando e crescendo durante toda a eternidade. Aproveitemos todas as oportunidades que se nos apresentem, vivendo a moral da história de Maomé e a montanha, e vamos a elas.

Justamente por nossos dons serem diferentes, também o são nossas incumbências na vida. Apesar dos mandamentos e leis do evangelho abrangerem a tudo, o Senhor não espera o mesmo de todos nós. Porém cada um percebe mais ou menos o que é esperado de si, em seu caso específico. Façamos o possível para aperfeiçoar as tarefas que são nossas, e nisso encontraremos progresso e alegria. Apenas isto, excluindo-se do pensamento as compensações eternas, é, em si, recompensa suficiente.

Enquanto trabalhamos, vamos considerar o serviço que realizamos como a coisa mais importante de nossa vida naquêlo momento. Pois realmente assim é. Mesmo que o projeto nos pareça não ter um significado monumental, é mister dar-lhe todo o nosso coração e a nossa alma. Fazendo bem as pequenas coisas, preparamo-nos para as maiores. Se trabalharmos, mesmo em coisas que nos pareçam insignificantes, de maneira negligente, indiferente ou desleixada, poderá talvez chegar ocasião em que desejaremos tê-las feito melhor.

Por outro lado, venha o que vier, nunca lamentaremos ter feito o possível.

SACERDÓCIO NAS MISSÕES

O PAGAMENTO DAS OFERTAS DE JEJUM TRAZ ALEGRIA E SATISFAÇÃO

Nenhuma enumeração das qualidades que caracterizam um verdadeiro cristão seria completa sem menção ao espírito da dádiva. Um desejo de partilhar nossas bênçãos temporais com os menos afortunados, pertence tão obviamente a essa relação que nenhum indivíduo razoável discutiria tal ponto.

É melhor dar do que receber, pois a alegria e paz que um doador não egoísta desfruta está certamente entre as emoções mortais que mais satisfazem. Os sacrifícios desta natureza edificam o caráter; nenhum dos personagens, do passado ou do presente, que realmente mereça ser chamado grande, foi egoísta. Há sabedoria na afirmativa. “A religião de um homem não é propriedade privada — a menos que ele a partilhe, não possuirá nenhuma.”

Necessidade, precisão, pobreza e fome tem estado conosco desde há longo tempo, e a despeito do rápido progresso técnico da civilização, não parece que nos libertaremos delas dentro de um futuro previsível. Enquanto existirem tais males, nós precisaremos combatê-los. Temos certeza de que eles se desvanecerão com a aurora do reino milenar, mas até aquele tempo precisaremos fazer a nossa parte. E nossos deveres neste particular têm sido cuidadosamente definidos pelos profetas.

O evangelho sempre forneceu um modo de socorrer os pobres. Isto foi verdade nos dias de Moisés (Deuteronômio 15: 1-11), Davi (Salmo 41: 1-2), e do Rei Benjamim (Livro de Mórmon, Mosias 4: 16-26). Os ensinamentos de Cristo sobre o assunto são inúmeros — particularmente a narrativa em Mateus 25: 31-46.

Como podemos cumprir este mandamento hoje? De muitas maneiras. Uma das mais importantes é através do pagamento das ofertas de jejum.

Eu Gostaria de Saber

(continuação da pág. 349)

sua virilidade, mas o tempo tinha chegado para que deixassem suas vidas, pois estava decretado nos Céus que eles teriam que deixar este mundo pelo martírio. Era preciso que selassem seu testemunho com sangue, tornando-o irrefutável a um mundo descrente.

Ninguém em seu juízo perfeito pode negar a nosso Pai Eterno o direito de chamar “ao lar”, algum indivíduo, se assim Ele quizer. Tampouco se pode argumentar, que tirar uma pessoa



O Senhor mandou que nós como membros de Sua igreja, nos abstivéssemos de comer e beber uma vez por mês, e dêssemos o dinheiro assim economizado ao bispo. Certamente, quando comparado aos sacrifícios de nossos antepassados, isto não é difícil. Há muitas razões para cumprir este mandamento. Certamente um dos mais importantes é que ele nos possibilita demonstrar nosso amor ao próximo.

“Tôda alma vivente entre os Santos dos Últimos Dias que jejua duas refeições por mês será beneficiada espiritualmente e edificada na fé do evangelho do Senhor Jesus Cristo — beneficiada espiritualmente de um modo maravilhoso — e assim, haverá meios suficientes nas mãos dos bispos para cuidar de todos os pobres.” (Herber J. Grant, Junho 1932).

da vida mortal em sua juventude ou infância seria injusto, porque privaria esta pessoa dos prazeres e cuidados da mortalidade, ou das experiências que aqui podem ser adquiridas. Ele pode chamar qualquer pessoa “ao lar” a qualquer tempo à Sua escolha, seja na infância, na juventude ou na velhice. Estamos todos sujeitos à vontade de nosso Pai Celestial, mas não podemos declarar em verdade que todos os honrados mortos foram “chamados ao lar” por decreto divino.

Traduzido por Rodolpho Raeder.

SEU RAMO

RAMO DE AZEVEDO SODRÉ

A Primeira reunião começou na casa de Pautílio Rodrigues com sua pequena família. Foi uma das primeiras reuniões dirigidas pelo Irmão M. Osvaldo Guimarães.

Um pedido foi enviado ao Presidente Asael T. Sorensen para que mandasse uns missionários a este lugar. Em abril deste ano, eles chegaram e trabalharam muito para a construção da capela e também para trazer pessoas à Igreja. Enquanto continuou a construção, as reuniões foram realiçadas do lado de fora com exceção dos domingos de chuva.

Uma conferência especial foi realizada no dia 25 de junho com a presença do Presidente Sorensen e de sua esposa. Houve também uma reunião batismal, sendo batizadas cinco pessoas. O comparecimento a esta primeira conferência atingiu a 93 pessoas.

E o ramo tem estado progredindo rapidamente, como prova o caso da balsa, ocorrido no mês de julho. Foi marcado batismo para o dia 24, mas aconteceu que naquela dia houve muita chuva e o rio transbordou. Portanto os que iam ser batizados, não querendo perder esse dia, construíram uma balsa de tambores e atravessaram o rio sendo batizados a seguir.

Pautílio Rodrigues

RAMO DE BAURU

O Ramo de Bauru está em mãos de brasileiros desde há alguns meses e felizmente acha-se bastante forte. Se em número não somos muitos, em boa vontade e fé, entretanto, temos grande firmeza. Para demonstrar que tal é verdade, tivemos no dia 10 de Setembro último o bazar da Sociedade de Socorro e um pequeno programa de palco, em comemoração ao dia da Independência.

Sob a direção de sua eficientíssima Presidente, os membros da Sociedade de Socorro de Bauru puderam expor um bazar realmente bem organizado e apresentado. Trabalhos muito bem feitos e úteis foram vendidos por preço razoável, tendo podido assim obter pleno sucesso o nosso bazar deste ano. Durante a exposição foram servidos refrescos, gentileza das senhoras da Sociedade de Socorro pois fazia bastante calor.

No dia seguinte, teve lugar a Conferência do Ramo, a qual foi bastante concorrida. Aprendemos muito nessa conferência, e tiramos grande proveito espiritual dos testemunhos prestados pelo Assistente do Presidente, Elder Norton, e pelo 2.º Conselheiro da Missão, Elder Hamblin.

A todos os ramos e irmãos do Brasil, um "Alô" do Ramo de Bauru.

Ruth Diniz Pereira.

Reminiscências

MISSIONÁRIA DESOBRIGADA

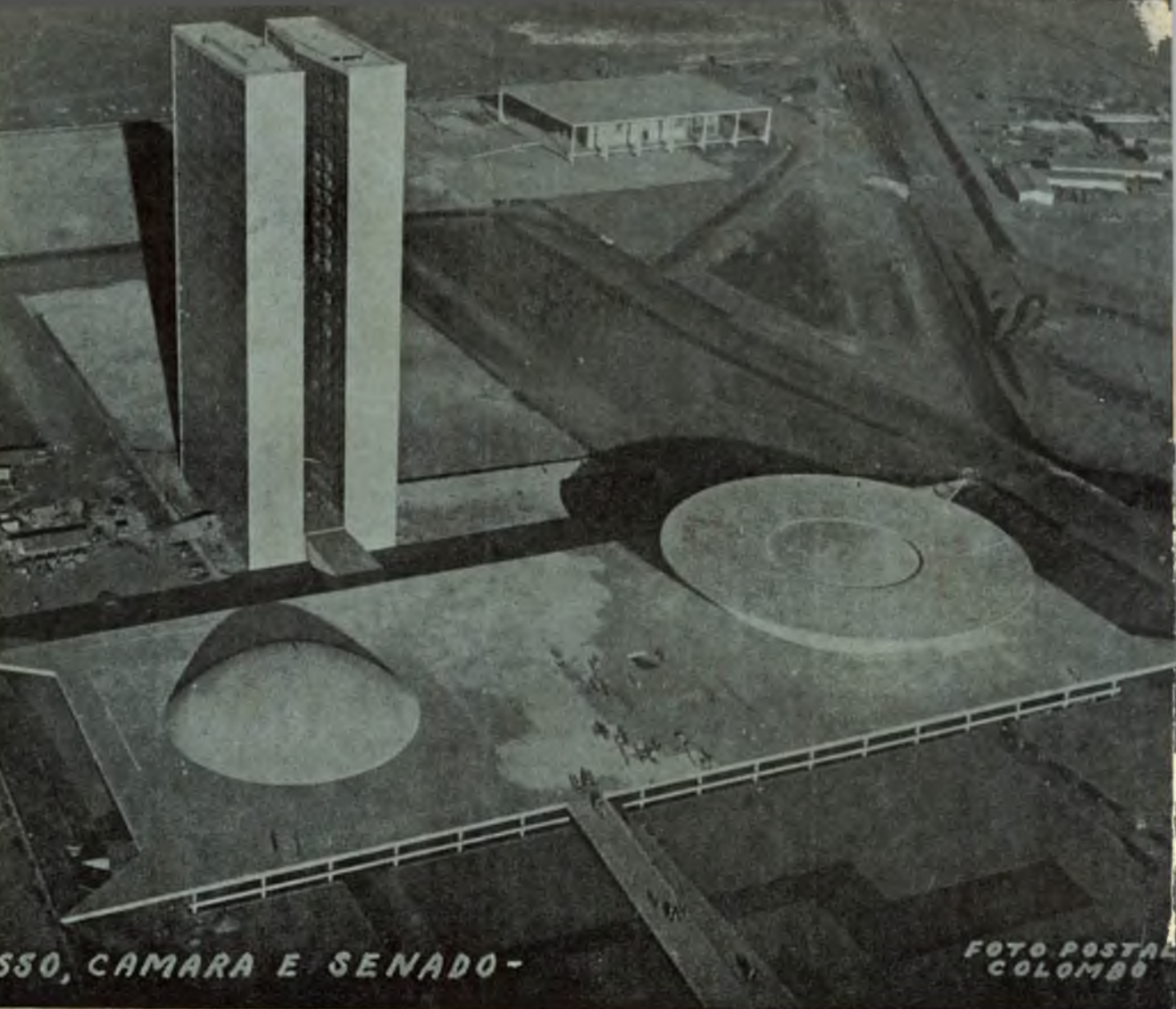
DA MISSÃO BRASILEIRA



Sister
JOY BODILY

TESTEMUNHOS DAS PLACAS DO LIVRO DE MÓRMON
As Oito Testemunhas

NOME	NASCIMENTO	LOCAL	IDADE EM QUE VIU AS PLACAS	PROFIS-SÃO	INFORMAÇÕES PESSOAIS	MORTE
CHRISTIAN WHITMER	18 Jan., 1798	Harrisburg, Pennsylvania.	31 anos	Sapateiro	Batizado a 11 de Abril de 1830; sempre fiel à Igreja.	27 Nov., 1835 Clay County, Mo.
JACOB WHITMER	27 Jan., 1800	Harrisburg, Pennsylvania.	29 anos	Sapateiro	Batizado a 11 de Abril de 1830. Apos-tatou em 1838, nunca voltando à Igreja. Jamais negou seu testemu-nho das placas.	21 Abril, 1856 Richmond, Missouri
PETER WHITMER JR.	27 Set., 1809	Fayette, New York.	19 anos	Alfaiate Fazendeiro	Batizado em Junho de 1829. Ficou ativo na Igreja e era amigo ardoroso do Profeta.	22 Set., 1836 Liberty, Clay county, Mo.
JOHN WHITMER	27 Ag., 1802	Harrisburg, Pennsylvania.	26 anos	Fazendeiro	Batizado em Junho de 1829, John foi excomungado a 10 de Março de 1838. Nunca voltou, mas nunca negou seu testemunho.	11 Julho, 1878 Far West, Missouri
HYRUM PAGE	1800	Vermont	29 anos	Médico Fazendeiro	Batizado a 11 de Abril de 1830. Estu-dou medicina quando jovem; casou-se com uma das irmãs Whitmer. Deixou a Igreja em 1838, mas nunca negou seu testemunho.	12 Agosto, 1852 Excelsior Springs, Mo.
JOSEPH SMITH, SR.	12 Julho, 1771	Topsfield, Essex County, Massachu- setts.	57 anos	Fazendeiro	Batizado no dia 6 de Abril de 1830. Foi pai de onze filhos, e teve que esforçar-se bastante para sustentá-los e prover sua família. Permaneceu fiel toda a vida.	14 Set., 1840 Nauvoo, Illinois
HYRUM SMITH	9 Fev., 1800	Tunbridge, Vermont	29 anos	Fazendeiro	Batizado em Junho de 1829. Hyrum era muito parecido fisicamente com o Profeta. Foi homem tal que até os mais críticos não podiam encontrar éros nele. Permaneceu sempre fiel à Igreja.	27 Junho, 1844 Carthage, Illinois
SAMUEL H. SMITH	13 Março, 1808	Tunbridge, Vermont	21 anos	Fazendeiro	Batizado a 15 de Maio de 1829. Sem-pre constante ao lado do Profeta, e veio a se tornar o Primeiro missio-nário da Igreja.	30 de Julho, de 1844 Nauvoo, Illinois



SSO, CAMARA E SENADO -

FOTO POSTAL
COLOMB

Devolver a
A LIAHONA

Caixa Postal 862 — São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO